

LITERATURA CABOVERDIANA: UM CASO A PARTE

Lilian BARBOSA²

Resumo: O arquipélago de Cabo Verde guarda ao longo de sua evolução literária, importantes escritores e importantes revistas que contribuíram para a formação de uma literatura genuinamente caboverdiana. O percurso foi longo e duro, muitas interrupções foram feitas por uma ditadura que buscava calar a construção da identidade caboverdiana. Entretanto a literatura produzida por escritores da atualidade coloca o resultado obtido em evidência.

Palavras-chave: Cabo Verde. Percurso poético. Arménio Vieira.

Resumen: El archipiélago de Cabo Verde mantiene a lo largo del tiempo importantes escritores e importantes revistas literarias que han contribuido a la formación de una literatura verdaderamente de Cabo Verde. El viaje fue largo y duro, muchas interrupciones fueron hechas por una dictadura que trató de silenciar a la construcción de la identidad del hombre de Cabo Verde. Sin embargo, la literatura producida por escritores de hoy coloca el resultado en las pruebas.

Palabras clave: Cabo Verde. Ruta poética. Vieira Arménio.

Introdução

Dos países africanos de língua portuguesa Cabo Verde se diferencia por possuir maior hibridismo, devido a sua formação. As mesclas culturais constituíram um povo com características marcantes tanto no domínio intelectual quanto nas feições estéticas do homem de Cabo Verde, que possui traços de beleza bastante próprios.

Tal qual outros países de língua portuguesa, o arquipélago também foi explorado e sofreu com a ditadura imposta pelo colonizador português, entretanto os conflitos foram menos sangrentos do que, por exemplo, os de Angola e Moçambique onde as investidas foram bélicas e se estenderam aproximadamente de 1961 a 1974.

Na formação da literatura caboverdiana, a busca pela identidade foi um tema fortemente trabalhado pelos poetas, uma vez que após séculos de dominação portuguesa e imposição lingüística, política e cultural, as características inerentes ao cabo-verdiano haviam sido sufocadas. Por outro lado, ao contrário do que ocorria com outros países, a própria formação do ilhéu era uma mescla de culturas: a portuguesa e a africana, formada de homens oriundos de outras partes da África. Assim, a língua crioula foi fortemente valorizada como

² Mestranda em Letras, Poéticas do Texto Literário: Cultura e Representação, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo. FAPESP. lilianvotu@yahoo.com.br.

marca própria do cabo-verdiano. Desse modo, o crioulo passou a ser representado na literatura como caractere do povo cabo-verdiano.

Além do crioulo, o mar também se tornou uma marca temática na poesia, já que faz parte da vida dos ilhéus. A diáspora, a corrente antievasionista, a ligação do homem com a terra natal, dentre outros, são representados na literatura. Isto porque o homem que parte de Cabo Verde não se desliga da língua ou da lembrança do mar, assim aquele que parte do arquipélago mantém sua identidade em qualquer parte. Estas características são retratadas na poesia de Cabo Verde.

Do início do percurso pela busca de uma literatura genuinamente caboverdiana até os dias atuais, a poesia modificou-se e cada poeta inserido em sua época contribuiu para que a literatura se tornasse uma produção estética de qualidade incontestável. O reconhecimento tem chegado por meio da aceitação desta literatura e da arte em várias partes do mundo e por meio de inúmeras premiações. Recentemente, o poeta Arménio Vieira foi galardoado com o prêmio Camões 2009.

Além de Arménio Vieira, muitos poetas, escritores, intelectuais e artistas das mais variadas áreas ganham destaque pela qualidade e refinamento de sua produção. A cantora de mornas Cesária Évora é um desses casos notáveis, porque sua música ganhou o mundo e com isso um pouco da cultura caboverdiana vai sendo divulgada.

Neste sentido, a arte contemporânea caboverdiana alcançou espaços e se modificou esteticamente, entretanto o resultado alcançado foi iniciado e “batalhado” por poetas e revistas das primeiras gerações de escritores. Assim, este trabalho pretende revisitar, de modo breve, parte da formação poética de Cabo Verde e fazer ao final uma sucinta leitura de alguns poemas do poeta galardoado com a última edição do prêmio Camões.

Cabo Verde: Um caso à parte

A formação de Cabo Verde deu-se de maneira curiosa, pois ocorre que as dez ilhas que constituem o arquipélago de Cabo Verde eram inabitadas, assim, a população das ilhas não estava lá inicialmente. Por se localizar em local estratégico para os colonizadores portugueses, o arquipélago passou a ser ponto de parada dos navegadores, de modo que a população foi sendo formada por africanos de outros locais levados para trabalhar na terra e

ainda por portugueses que formavam capitânicas. A mistura de portugueses e povos africanos deu origem a uma população híbrida.

Possivelmente, pela particularidade da formação dessa nação, seus habitantes sejam de algum modo diferentes do restante da população dos outros países que têm em comum a língua portuguesa do continente africano. A maioria da população caboverdiana é mestiça, assim, ao procurar suas raízes e identidade cultural, a diversidade foi uma característica preponderante, pois Cabo Verde é um rico mosaico.

O crioulo, enquanto língua foi a marca que alavancou a luta pela conquista da dignidade e da identidade, e por se tratar de uma população aculturada e mestiça, a crise racial foi menor que em outros países como, por exemplo, Angola e Moçambique. A mestiçagem conferiu ao caboverdiano certa originalidade expressiva, pois pesam na formação do ilhéu tanto marcas de culturas africanas quanto portuguesas. E ao serem indagados se são africanos ou europeus, respondem serem caboverdianos. O homem de Cabo Verde é assim uma soma de culturas unida ainda aos costumes nascidos no próprio território. Embora o arquipélago seja um caso específico, não significa que os ilhéus não tenham sofrido com a presença e com a censura portuguesa.

As primeiras manifestações literárias datam do século XIX, entretanto, ainda não se tratava de uma literatura propriamente Caboverdiana, mais sim uma escrita presa aos parâmetros portugueses. Apenas no século XX, por volta de 1930, é que começam a surgir escritores interessados em elaborar uma literatura que trate de temas relacionados à identidade Caboverdiana. São os primeiros passos daquilo que seria uma longa caminhada na formação de uma literatura de identidade própria.

Por ser um ambiente cultural diversificado, as características estéticas e a temática literária são amplas. O fato de as ilhas sofrerem com o fenômeno da seca levou muitos dos habitantes a saírem do país em busca de melhores oportunidades, assim a evasão tornou-se parte da vida do caboverdiano, e, por conseguinte, da representação literária.

O pasargadismo do brasileiro Manuel Bandeira influenciou fortemente escritores caboverdianos, que retrataram homens que viam na saída da terra natal uma chance de melhorar de vida, já que as ilhas ofereciam poucas oportunidades de crescimento econômico. Esse fenômeno gerou a diáspora, fortemente representada na literatura, na música e em toda expressão artística do arquipélago.

Com a evasão, outro sentimento aflorou nos caboverdianos, o desejo do antipasargadismo, isto é, o desejo de retornar à terra natal sentido por aqueles que haviam partido, ou ainda a vontade de não partir e resolver os problemas no próprio país. E entre esses sentimentos, o mar, que atua fortemente no destino e desejo dos homens. Como coloca Onésimo Silveira no poema Nhá terra: “Este mar por dentro e por fora”. O poema de Jorge Barbosa “POEMA DO MAR” representa o sentimento da evasão que vê na saída do país a única possibilidade de melhora.

O Mar!
dentro de nós todos,
no canto da Morna,
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas,
no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente!

Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!

Este desespero de querer partir
e ter que ficar! (BARBOSA. p. 46)

Os poemas dos claridosos tratam do mar e do sentimento pasargadista como se pode verificar nos versos: “Este convite de toda hora / que o mar nos faz para a evasão! / Este desespero de querer partir / e ter que ficar!”

Se havia uma tensão entre a poética que retratava a evasão e a poética que representava a antievasão, o poema de Ovídio Martins ilustra o modo como isso era representado pelos antievasionistas:

ANTI-EVASÃO

Pedirei
Suplicarei
Chorarei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei no chão
E prenderei nas mãos convulsas ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei
Berrarei
Matarei

Não vou para pasárgada.³

O poema de Martins, como se pode observar, é uma resposta aos poetas que cultivavam o Pasargadismo como saída para os problemas de Cabo Verde. O poema propõe que as questões dos cabo-verdianos sejam enfrentadas na terra e não fora dela.

Clareza e Certeza: Contribuições

As revistas *Clareza* (1936) e *Certeza* (1944) conferiram fortes contribuições no percurso da formação de uma literatura com tonalidades mais caboverdianas. *Clareza* surge em um momento importante da produção cultural, a revista alavanca e divulga novos ideais estéticos e privilegia a língua crioula, marginalizada durante a época da colonização, deixando, assim, para trás os matizes portugueses.

A poesia existente em Cabo Verde até a criação de *Clareza* era mais voltada para temáticas ligada à cultura clássica, quanto à estrutura seguia-se esquemas rítmicos e métricos. Além disso, o meio, o povo e a terra não eram referências literárias.

Os poetas clarezos encontraram no Brasil uma contribuição literária que marcou a produção caboverdiana, pois inúmeros escritores foram lidos e por vezes homenageados a partir do surgimento da revista e posteriormente a ela.

Jorge Barbosa, poeta clarezo, em seu poema “VOCÊ: BRASIL” coloca a questão da identificação existente entre os países e deixa evidente a influência que o imaginário cultural brasileiro exerceu na literatura de Cabo Verde, que se via mais próximo do Brasil que de Portugal.

VOCÊ: BRASIL

Eu gosto de você, Brasil,
 porque você é parecido com a minha terra.
 Eu bem sei que você é um mundo
 e que a minha terra são
 dez ilhas perdidas no Atlântico, (...)

E gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas.
 dos seus cateretês, das suas todas de negros,
 caiu também no gosto da gente de cá,

³ Por ser de difícil acesso os poemas de Martins podem ser observados em: biblioteca de Babel. Vide referências.

que os canta dança e sente,
 com o mesmo entusiasmo
 e com o mesmo desalinho também...
 As nossas mornas, as nossas polcas, os nossos cantares,
 fazem lembrar as suas músicas,
 com igual simplicidade e igual emoção. (BARBOSA. p.165).

Com a revista *Claridade*, tem início a fase modernista da literatura caboverdiana, e desse modo a revista constitui-se como um divisor importante na produção do arquipélago, com a proposta dos poetas claridosos de tratar de temas como a nostalgia do cabo-verdiano, a terra, o crioulo. De acordo com afirmações críticos e estudiosos, a revista teve três fases nas publicações que datam de 1936 a 1960.

A revista *Certeza*, por sua vez, surge em 1944 fundada por estudantes do Liceu, não compartilhava dos mesmos interesses temáticos de *Claridade*, entretanto a geração anterior fora-lhe de grande importância, tanto na formação dos jovens intelectuais de seu corpo editorial, quanto para a mudança de olhar que propunham. A revista era a expressão de uma geração que se embasava nos ideais marxistas, desse modo as problemáticas sociais eram uma das preocupações dos escritores e dos homens que constituíam essa geração. A falta de emprego, a prostituição, a exploração colonial, entre outras, alavancavam a geração de *Certeza* em lutar física e culturalmente contra os problemas cotidianos do arquipélago. A revista que se liga, ainda, aos ideais do neo-realismo português “procurava de todas as formas desvincular do país tudo o que fosse pitoresco, procurando conscientizar os leitores sobre o atraso do país [...]” (SANTOS, 2009, p.163).

A revista *Seló* fundada em 1962, embora tenha contato com apenas dois números também forneceu grande contribuição para Cabo Verde, o fato de a revista ter circulado pouco se deve ao fato de que qualquer manifestação que se dedicasse à libertação era fortemente sufocada pela ditadura. A revista se ocupava em publicar textos voltados para a população caboverdiana.

Embora a proposta das duas revistas fosse diferente, ambas delinearão o percurso literário de Cabo Verde, ao mesmo tempo em que escreviam suas próprias páginas de evolução, assim, tiveram grande importância. Com a evolução da literatura em Cabo Verde, sobretudo no período atual despontam poetas nos quais a procura pela identidade e a valorização telúrica deixa de ter grande importância, de modo que a matéria humana, o praticar poético, passam a receber maior atenção, como pode ser percebido na afirmação de Arménio Vieira: “ser poeta a sério implica uma espécie de suicídio”. Daí em diante, a poesia

Caboverdiana universaliza-se cada vez mais, prova disso é que o referido poeta acaba de ser agraciado com o prêmio Camões de Literatura, como já foi mencionada aqui.

Arménio Vieira e a escrita pós-colonial

O prêmio mais importante de literatura de língua portuguesa, o premio Camões, criado em 1988, que destaca todos os anos escritores de países que compartilham a língua portuguesa, foi conferido no ano de 2009 ao poeta cabo-verdiano Arménio Vieira. Foi a primeira vez que um cabo-verdiano recebeu o prêmio, já oferecido a escritores de grande renome como os brasileiros Jorge Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado, os portugueses José Saramago, António Lobo Antunes e os angolanos Pepetela e José Luandino Vieira. É importante fazer um adendo, José Luandino Vieira recusou o prêmio alegando motivos pessoais, o escritor angolano, que esteve mais de uma década preso acusado de terrorismo pelo regime colonial, adotou como postura o silêncio, evitando assim de falar sobre os motivos de sua recusa.

A repercussão do prêmio foi forte em Cabo Verde, no entanto, no Brasil pouco se falou sobre o assunto, é no mínimo incompreensível, pois o prêmio Camões é o mais importante galardão das literaturas de línguas portuguesas.

O citado poeta nasceu na cidade da Praia, ilha de Santiago em 24 de janeiro de 1941, além de poeta, Arménio Vieira é jornalista e desde a década de 60 contribui para inúmeros jornais e suplementos literários como, por exemplo, *Mákua*, *Alerta*, *Cabo Verde*, *Vértice*, *Raízes* e *SELÓ*. Arménio Vieira escreveu *Poemas* (1981), *O Eleito do Sol* (1990), *No Inferno* (1999) e *Mitografias* (2005). A proposta estética de Vieira é diferente da que as revistas *Claridade* e *Certeza* trabalhavam.

Arménio Vieira não se ocupa profundamente de uma poesia que fale de Cabo Verde colonial ou pós-colonial, mas sim de uma poesia que fale de questões humanas, escreve, pois, uma literatura universalizante. Do mesmo modo como muitos escritores contemporâneos do arquipélago, Arménio Vieira é parte importante da caminhada que outros poetas iniciaram. Embora se afaste da proposta telúrica dos poetas de *Claridade*, liga-se aos mesmos por meio do percurso literário pelo qual passou e tem passado Cabo Verde, desde a inauguração de uma poesia genuinamente caboverdiana até o amadurecimento da mesma culminando na

premiação do mais importante galardão literário de língua portuguesa a um escritor do arquipélago.

O poema “Mar” publicado no segundo e último número da revista *SELÓ* possui como temática o mar, também muito celebrado pelos poetas da revista *Claridade*:

Mar!

Raiva – angústia
De revolta contida

Mar!

Do não-repartido
E do sonho afrontado

Mar!

Quem sentiu mar? (VIEIRA, p. 41).

Dentre os temas que marcam a poesia de Vieira pode-se encontrar, como já foi mencionado, a reflexão sobre o que é ser poeta. Em uma linguagem que se afasta da tradição, mais próxima da poesia moderna que muitas vezes não se aprisiona a esquemas rítmicos o poeta utiliza a metalinguagem e tece ponderações a respeito do poema:

CONSTRUÇÃO NA VERTICAL

Com pauzinhos de fósforo
podes construir um poema.
Mas atenção: o uso da cola
estragaria o teu poema.
Não tremas: o teu coração,
ainda mais que a tua mão,
pode trair-te. Cuidado!
Um poema assim é árduo.
Sem cola e na vertical,
pode levar uma eternidade.
Quando estiver concluído,
não assines, o poema não é teu. (VIEIRA, p. 68).

Para este escritor, que considera ser poeta uma espécie de suicídio, escrever é também, como sugere o título, uma construção na vertical: “Com pauzinhos de fósforo podes / construir um poema”. A imagem evocada no poema permite que se faça remissão ao trabalho do colecionador que constrói de modo lento, trabalhoso e com muita minúcia esculturas ou

objetos com materiais, por exemplo, palitos. O poeta, entretanto, não pode utilizar cola para erguer seu trabalho, já que o verdadeiro poema ergue-se, não necessita de emendas.

Assim é a poesia de Vieira, muitas vezes sem rimas, voltada para um exercício de reflexão e já não se liga exclusivamente à libertação da terra, à seca ou a questões relacionadas ao homem de Cabo Verde. Liga-se, no entanto, ao homem do arquipélago no sentido de que o homem é parte de algo maior integrado em questões universais, é antes um poema metacrítico. Vieira também no tom universalizante e metapoético estabelece diálogo ainda com poetas como Fernando Pessoa:

O poeta é um fingidor...
 um pedreiro muito lido
 calceteiro dolorido
 cujas pedras são pedaços
 que ele arranca dos penhascos
 de uma alma nua e sua
 e da alma de outros poetas (...)

Além de dialogar com o poeta português pela relação que o título estabelece “o poeta é um fingidor”, Arménio Vieira por meio da intertextualidade constrói sua versão a respeito do que parece ser o trabalho do poeta: “um pedreiro muito lido” que indica o labor intelectual do poeta ao desempenhar a edificação de seu poema, colocando-o na vertical. Embora o poema apresente rimas, estas não são o foco principal do poema, mas sim ótica sobre a qual é colocado o trabalho poético e a alusão feita a Fernando Pessoa: “de uma alma nua e sua” / “e da alma de outros poetas”.

O poema “UM GATO LA NO ALTO”, por sua vez, liga-se ao insólito, liga-se a elementos fantásticos pelas relações que estabelece: “Meus olhos / estavam fitos no espaço / e de repente / vi um gato / pulando lesto e contente. / Eu juro vi um gato / saltando de uma nuvem para outra / até ficar oculto / num floco todo branco”.

UM GATO LÁ NO ALTO

Quando e onde
 não me lembro já.
 Mas o certo é que a gente falava
 da cauda longa dos cometas
 e do calor intenso
 que habita o núcleo das estrelas.

Meus olhos

estavam fitos no espaço
 e de repente
 vi um gato
 pulando lesto e contente.
 Eu juro que vi um gato
 saltando de uma nuvem para outra
 até ficar oculto
 num floco todo branco
 Confesso: tive ciúme.
 “Deixe esse trapo
 e salte cá para baixo”
 – ia eu gritar ao gato
 mas lembrei-me ainda a tempo
 que a distância era muita
 e que nenhum bichano entende
 a conversa cá da gente.
 Ainda que ele ouvisse:
 o espírito de um gato
 é como o canto de um poeta
 – não atende nem escuta
 a ordem de ninguém

Engraçado! Um gato lá no alto
 entre os braços duma nuvem.
 Talvez fosse
 um bruxo disfarçado
 ou a alma de um vate
 vogando no espaço. (VIEIRA, p. 51).

Ao mesmo tempo em que trabalha com o insólito, traz mais uma vez, a figura do poeta: “o espírito de um gato / é como o canto de um poeta / - não atende, nem escuta / a ordem de ninguém”.

O poema “Qüiproquó” modifica aquilo que seria a ordem natural das coisas:

Qüiproquó

Há uma torneira sempre a dar hora
 há um relógio a pingar no lavabos
 há um candelabro que morde na isca
 há um descabro de peixe no tecto

Há um boticário pronto para a guerra
 há um soldado vendendo remédios
 há um veneno (tão mau) que não mata
 há um antídoto para o suicídio de um poeta

Senhor, Senhor, que digo eu (?)
 que ando vestido pelo avesso
 e furto chapéu e roubo sapatos
 e sigo descalço e vou descoberto. (idem, p. 89).

O próprio título do poema expressa a temática do mesmo, ou seja, engano que consiste em entender uma coisa de modo oposto ao que ela significa, desse modo o poema segue com versos que parecem falar de coisas opostas: “Há uma torneira sempre a dar a hora / há um relógio a pingar nos lavabos / há um candelabro que morde a isca / há um descabro de peixe no tecto”. Aparentemente tudo está fora do lugar e a referência feita a uma torneira a dar hora e a um relógio pingando parecem fazer alusão ao quadro surrealista *A persistência da memória* do pintor espanhol Salvador Dali, quadro no qual os relógios são retratados derretendo. A repetição no poema de “há um” nos oito primeiros versos transmite certa noção de cronologia, como os segundos correndo em um relógio o que é reforçado pela menção direta a um relógio no verso: “há sempre um relógio a pingar nos lavabos”. Novamente há a referência a figura do “poeta” ligada à idéia de suicídio: “há um veneno (tão mau) que não mata / há um antídoto para o suicídio do poeta.

Conclusão

No período de formação da literatura de Cabo Verde, é possível perceber em um primeiro momento uma literatura marcada por uma poética voltada para busca da própria identidade. Aspectos importantes do arquipélago como o mar, tão presente na paisagem e na vida do ilhéu são temáticas trabalhadas na literatura dessa época.

O crioulo teve uma grande importância por ter sido a língua que caracterizou Cabo Verde se opondo ao português, língua imposta pelo colonizador a todas as suas colônias, assim, o crioulo foi um caracterizador de identidade. Fatores como a diáspora o antipasargadismo, entre outros, foram utilizados na temática poética.

Arménio Vieira além de ter se comprometido com aspectos inerentes ao país ocupou-se, ainda, em elaborar um trabalho voltado para uma reflexão acerca da própria poesia e sobre a figura do poeta. O vencedor do premio Camões faz uso de elementos insólitos e dialoga tanto com outros poetas, como Fernando Pessoa, quanto com outras artes, como a pintura.

Pode-se, em suma, pensar na poesia de Vieira como uma poesia universal, tanto pelo conteúdo das mesmas, quanto pelo trabalho estético. O poeta percorre temáticas que tratam desde o mar, até elementos como a prática poética e referências surrealistas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. *Caderno de um ilhéu*. Lisboa: Ilhéu editora. 1956

MARTINS, O. *100 Poemas - Gritarei, Berrarei, Matarei - Não ou para pasárgada*. 1973

PADILHA, L. C. Um jogo de dissimulações: A fala poética de Paulo Tavares. In: ALVES, I. M.S.R; JORGE, S. R. *A palavra silenciada. Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*. São Paulo: VÍCIO DE LEITURA, 2001.

SANTOS, R. P. As revistas Claridade e Certeza na formação da literatura caboverdiana. In: MARTINS, G.F; SIMÕES JUNIOR, A.S. (Org). *Literatura Imprensa e Sociedade: Ensaios*. São Paulo: Poësis, 2009. p.p. 151-170.

SANTOS, R. P dos. Cabo Verde – uma literatura crioula. In: *Literaturas em movimento: Hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Via Atlântica. 2003.

VIEIRA, A. *No Inferno*. Praia e Mindelo: Centro Cultural Português. 1999.

_____. *Mitografias*. Mindelo: Ilhéu Editora. 2005.

GOMES. S. C. *Cabo Verde e Brasil: um amor pleno e correspondido*. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero9/simone.html>. Acesso em: 07 de agos 2009

MARTINS. O. Disponível em: <http://bebliotecariodebabel.com/tag/poesia>. Acesso em: 20 julho 2009.